



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

P Q
9251
A7
1905a
MAIN

UC-NRLF



B 3 788 053

FARSA

CHAMADA

AUTO DA INDIA

POR

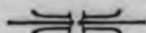
GIL VICENTE

//

Edição para o povo e para as escolas, com muitas notas auxiliares
para a interpretação do texto original.

POR

LUIS CALLADO NUNES



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

3, T. do Sacramento ao Carmo, 7

1905

FARSA

CHAMADA

AUTO DA INDIA

POR

GIL VICENTE

..

Edição para o povo e para as escolas, com muitas notas auxiliares
para a interpretação do texto original.

POR

LUIS CALLADO NUNES



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

3, T. do Sacramento ao Carmo. 7

1905

795
V632
f
MAIN

PQ 9251
A7
1905a
MAIN

In compliance with current copyright
law, U.C. Library Bindery produced
this replacement volume on paper
that meets the ANSI Standard Z39.48-
1984 to replace the irreparably
deteriorated original.

1989

ADVERTENCIA

Esta edição é destinada ao povo e ás escolas, não a eruditos. Isto justifica o grande numero de notas que a acompanham e que só podem ser uteis aos bisonhos da critica litteraria.

Hesitando na orthographia a adoptar, decidimo-nos por a grafia geral contemporanea do auctor, preferindo as formas mais singelas.

A numeração das notas, que elucidam o texto, corresponde á dos versos que vão contados de cinco em cinco.

GIL VICENTE

Gil Vicente, o fundador do theatro portuguez, nasceu em Guimarães no anno de 1470. Foi filho unico de Martim Vicente, ourives de prata.

Quando este enviuvou, seu irmão Luis Vicente, ourives em Lisboa, chamou-o para a sua companhia e Gil Vicente para aqui veio com seu pae, provavelmente em 1489.

Antes da sua vinda para Lisboa cursou com raro aproveitamento a Escola da Collegiada da Oliveira, em Guimarães.

Na capital seguiu os estudos universitarios, mas não chegou a formar-se, ficando simples bacharel.

Por intervenção e influencia de seu primo e homonimo Gil Vicente, ourives, lavrante da rainha D. Leonor, o eximio cinzelador da Custodia de Belem, o qual gozava da amizade e apreço de D. Martinho de Castello Branco, vedor da fazenda e fidalgo faustoso, o moço poeta frequentou a corte de D. João II.

Pela morte desastrosa do principe herdeiro D. Afonso, D. João II nomeou successor da corôa a D. Manuel, então duque de Beja, e havendo por este facto de ser mais curada a educação do futuro monarcha, nomearam-se-lhe novos mestres e entre elles Gil Vicente como Mestre de Rhetorica (1493).

As successivas mortes: do principe herdeiro D. Afonso de D. João II e da rainha D. Isabel, filha dos Reis Catholicos e primeira mulher de D. Manuel, trouxeram a corte enlutada por largo espaço. A estas circumstancias se deve talvez o não haver Gil Vicente revelado mais cedo o talento de poeta comico.

D. Manuel casou segunda vez com a princeza D. Maria, irmã de sua primeira mulher, a qual lhe deu emfim um successor á corôa, o que foi motivo de regosijo nacional.

Foi para festejar o nascimento d'este principe (depois D. João III) que Gil Vicente, em 8 de Junho de 1502, representou nos aposentos da rainha o Monologo da Visitação ou do Vaqueiro, lançando assim o fundamento do theatro português.

Agradou tanto esta originalidade do poeta, que a rainha D. Beatriz, mãe de D. Manuel, lhe pediu que em dia de Natal repetisse a representação mas endereçada ao nascimento do Menino Deus. Accedeu o poeta escrevendo o Auto pastoril português. Mais tarde compoz o Auto dos Reis Magos e d'ahi em diante, sempre acompanhando e distraindo a côrte, que fugia á peste, representou muitas vezes em Santarem, Almeirim, Evora, Lisbôa, Almada e Torres Vedras. Elle mesmo compunha a musica para as suas peças e as representava auxiliado por seus filhos. Representou pela ultima vez em 1536.

Gil Vicente tambem foi mestre de D. João 3.º e, a pedido d'este monarcha, no remanso da sua quinta do Mosteiro em Torres Vedras, de que D. Manuel, no começo do seu reinado, lhe fizera doação, consagrou os ultimos quatro annos da sua vida colligindo, coordenando e preparando para a imprensa as suas obras, trabalho que não chegou a concluir. Só 22 annos depois da sua morte, em 1562, seu filho Luis Vicente publicou essas obras com o titulo de *Compilaçam de todas as obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco livros, etc.* Posteriormente imprimiram-se 3 edições, em 1586, 1834 e 1852.

Em 1512, Gil Vicente, casou com Branca Bezerra d'Almeida de quem houve os seguintes filhos: Paula Vicente, Luis Vicente, Valeria Borges e Martim Vicente.

Morreu em 1540 e foi sepultado em Evora, ignorando-se hoje o paradeiro dos seus ossos.

O Auto da India, que damos á estampa, foi representado em Almada em 1509.

FARSA
CHAMADA
AUTO DA INDIA

FIGURAS

AMA — MOÇA — CASTELHANO — LEMOS — MARIDO

A' farsa seguinte chamão Auto da India. Fol fundada sobre que hũa mulher, estando ja embarcado pera a India seu marido, lhe vierão dizer que estava desaviado, e que ja não ia; e ella de pesar está chorando. Foi feita em Almada, representada á muito catholica Rainha D. Leonor, era de 1509.

MOÇA. Jesu! Jesu! que he ora isso?
He porque se parte a armada?

AMA. Olhade a mal estreada!
Eu heide chorar por isso?

MOÇA. ⁵ Por minh'alma, que cuidei
e que sempre imaginei
que choraveis por noss'amo.

AMA. Por qual demo ou por qual gamo
ali ma hora chorarei?
¹⁰ Como me leixa saudosa!
Toda eu fico amargurada!

1 ^a *Jesu!* = Jesus!

^b *he* = é. O *h*, como letra auxiliar, indicava, anteposto a vogal, que esta era tónica, mórmente quando podia haver ambiguidade. V. g. *ha*, verbo, para distinguir da preposição atona *a*.

^c *ora* = agora.

^a *Olhade* = olhae. Estas duas fórmulas occorrem indifferentemente nos escritores do século xvi.

^b *mal estreada*, infeliz, desditosa.

8 *gamo*. Aqui é termo malicioso significando: marido enganado.

9 *ma* = má. Na grafia antiga não se acentuava a vogal final nos monosílabos, como hoje se pratica.

10 ^a *leixa*, deixa.

^b Nos versos 10 e 11 ha uma ironia.

- Moça. Pois porque estaes anojada?
Dizei-m'o por vida vossa.
- AMA. Leixa-me ora eramá,
¹⁵ que dizem que não vae ja.
- Moça. Quem diz esse desconcerto?
- AMA. Disseram-m'o por mui certo
que he certo que fica ca.
O Concelos me faz isto.
- Moça. ²⁰ S'elles já estão em Rastello,
como póde vir a pello?
Melhor veja eu Jesu-Christo.
Isso he quem porcos ha menos...
- AMA. Certo he que bem pequenos
²⁵ são meus desejos que fique.
- Moça. A armada está muito a pique.

- ¹² *anojada*, enfadada.
- ¹⁴ *eramá*, em má hora. Era uma imprecação. Deparam-se-nos também as formas *ieramá*, *aramá* e *muítieramá*.
- ¹⁵ *que não vae ja*. Subentende-se o sujeito: elle (o marido).
- ¹⁷ *por mui certo*. como coisa muito certa.
- ¹⁹ ^a *Concelos*. Ainda existe familia d'este apelido.
- ²⁰ ^b *me faz isto*, me diz isto. *Rastello*=*Rastello*, praia de Belem. Primitivamente: *Rastrello*.
- ²¹ *a pello*, a proposito. I. é: a que proposito vem isso?
- ²² Exprime o desejo que ella tem de vêr Christo (i é: que a sua alma

- vá para o céu) e a descrença de que o marido parta.
- ²³ Fragmento do proverbio: *Quem a porcos ha medo, as moutas lhe roncam*. (V. Ensaio Phraselogico por F.^{co} Pina Manique). I. é: quem e medroso, de tudo, sem motivo, se arreceia. Está *menos* por *medo*. São vulgares as substituições por semelhança fonetica. Ex. Fallar francês como uma *vacca* espanhola; em vez de: como um *bisco* o espanhol.
- ²⁵ *que fique*, subentende-se o sujeito: elle (o marido).
- ²⁶ *a pique*, prompta a levantar ferro.

AMA. Arreceio al de menos.
 Andei na ma hora e nella
 a amassar e biscoutar,
³⁰ pera o demo o levar
 á sua negra canela,
 e agora dizem que não.
 Agasta-se m'o coração,
 que quero sahir de mim.

MOÇA. ³⁵ Eu irei saber s'he assim.

AMA. Hajas a minha benção.

(*Vae a Moça e fica a Ama dizendo:*)

AMA. A Santo Antonio rógo eu
 que nunca m'o ca depare.
 Não sinto quem não s'enfare
⁴⁰ d'hum diabo Zebedeu.
 Dormirei, dormirei,
 boas novas acharei.
 San João no ermo estava,

27 *al* = lat. *aliud*, outra coisa. I. é: que tal não aconteça, que aconteça de um modo diferente.

29 *biscoutar*, cozer pão. Pão para o marido levar para a viagem.

30 *pera* = para.

31 I. é: á India. A buscar canela e outras especias para seu negocio.

32 I. é: que elle já não parte.

33 I. é: amofino-me.

34 I. é: que estou fóra de mim, que estou muito zangada, irada.

35 I. é: eu irei certificar-me se elle parte.

36 *benção*, fórma popular

de bênção; equivale a: vae-te com Deus! vae em boa hora! A pronuncia *benção*, com o acento tonico na ultima silaba é corrente em Trás-os-Montes e Beiras.

38 *depare*, apresente (sem ser esperado).

39 ^a *sinto*, entendo.

^b *não s'enfare*, não se aborreça, não deteste.

40 *Zebedeu*. Nome do pae de S. João Baptista. Aqui equivale a *marido*.

Na edição de 1586 a Censura substituiu este nome por: *como o meu ermo*, Deserto.

e a passarinha cantava.

⁴⁵ Deus me cumpra o que sonhei.
Cantando vem ella e leda.

MOÇA. Dae-me alviçasas, Senhora,
já vae lá de foz em fóra.

AMA. Dou-te huma touca de seda.

MOÇA. ⁵⁰ Ou quando elle vier,
dae me do que vos trazer.

AMA. Ali muitieramá!
Agora ha de tornar ca?
Que chegada e que prazer!

MOÇA. ⁵⁵ Virtuosa está minha ama! (*aparte*)
Do triste delle hei dó.

AMA. E que fallas tu lá so?

MOÇA. Fallo ca com esta cama.

AMA. E essa cama, bem, que ha?

- | | | | |
|----|---|----|---|
| 44 | <i>passarinha</i> , pombinha.
Diz a Biblia que na oca-
sião em que S. João Bap-
tista no Deserto, baptisou
a Christo, o céu abriu-se
e appareceu o Espirito
Santo sob a figura d'uma
pomba.
O sentido dos versos 43
e 44 parece ser: <i>sonhei</i>
<i>que estava sózinha</i> (já
livre do meu marido e
<i>me sentia feliz</i> . I. é: num
céo aberto de felicidade). | | |
| 45 | <i>cumpra</i> , realize, torne
em realidade. | | |
| 46 | a <i>ella</i> (a moça).
b <i>leda</i> , alegre, contente | | |
| 47 | <i>de foz em fóra</i> , fóra da | | |
| | | 49 | <i>touca</i> , adorno de cabeça
usado pelas mulheres,
feito em geral de ençaria. |
| | | 50 | Revela o espirito inte-
resseiro da moça, por-
que voltando rico da In-
dia o marido da ama, ella
receberia então prenda
mais valiosa. |
| | | 51 | <i>muitieramá</i> , em muito
má hora. E' uma impre-
cação vulgar no seculo
XVI. |
| | | 52 | E' uma ironia. |
| | | 53 | <i>virtuosa</i> , de bons senti-
mentos; é uma ironia. |
| | | 54 | <i>delle</i> , i é, do marido. |